

DERMATOFITOSE EM CÃES E GATOS: ZONOSE DE GRANDE IMPORTÂNCIA VETERINÁRIA.

Jhenyfer Karoline Mendes¹
Jakeline Assis Dutra¹
Wander Glayson Pereira Barbosa¹
Dhieisson da Silva Fragoso¹
Marciel Martins Silva¹
Mhaique Henrique de Paula²

mendesassis3@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Agrárias

PALAVRAS-CHAVE: micose; lesões circunscritas; fungos; zoonose.

INTRODUÇÃO

A dermatofitose é uma das principais afecções de origem fúngicas que afeta diversos animais, como por exemplo: canídeos, felinos, equídeos, bovinos, suínos e até mesmo o ser humano. A doença não tem escolha quanto a espécie, raça, idade, sexo ou estado nutricional, portanto, possui maior relevância em cães e gatos (CARDOSO, 2011), que ao apresentarem a doença, são prejudicados quanto a estética e bem-estar animal. A dermatofitose possui alto caráter epidemiológico, uma vez que é de fácil transmissão, sendo através do contato entre feridas contaminadas por agentes fúngicos (ANDRADE, 2019). O tratamento da enfermidade, na maioria das vezes, se dá por administração de fármacos e limpeza diária das feridas, porém, a recuperação está amplamente ligada a cronicidade e extensão das lesões (BALDA, 2007). Já a prevenção está ligada na observação e o cuidado diário com os animais (ANDRADE, 2019). Diante disso, o objetivo desse trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre a dermatofitose em pequenos animais.

METODOLOGIA

Foi realizado no mês de julho de 2019, uma revisão de literatura sobre a dermatofitose em pequenos animais. Foram consultadas diferentes plataformas como *Scielo* e Google Acadêmico para aquisição dos artigos científicos. Para o referido trabalho foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: micose; lesões circunscritas; fungos, zoonose. A pesquisa resultou em um total de 1.140 artigos, sendo 7 deles selecionados para elaboração do trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹ Acadêmicos de Medicina Veterinária da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX.

² Médico Veterinário no Hospital Veterinário – UNIVÉRTIX, Pós-graduando em Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais e Docência do Ensino Superior.

A dermatofitose é uma doença de caráter zoonótico, que possui aspecto eritematoso com crescimento centrífugo, podendo ser acompanhado ou não de prurido. Pacientes portadores de lesões agudas podem desenvolver placas inflamatórias bem delimitadas com abscessos dolorosos. Já os pacientes crônicos são caracterizados pelo desenvolvimento de lesões nodulares pouco definidas (ANDRADE, 2019). A doença possui vários agentes etiológicos, sendo eles: *Microsporum canis*, *Mycrosporum gypseum* e *Trichophyton mentagrophyte*. Tais agentes são caracterizados como dermatófilos e queratinócitos, uma vez que são agentes que possui maior afinidade com a queratina presente na pele e no pelo (LOPES, 2016). De forma geral, o *M. canis*, é o maior causador da doença nos pequenos animais, sendo 80% dos cães e 98% dos gatos afetados (PENEDA, *sd*). A dermatofitose possui alto caráter epidemiológico, sendo de fácil transmissão. Pode ser disseminada pelo contato direto do esporo com o hospedeiro, ou indireto por contato de esporos presentes no ambiente ou em instrumentos contaminados como agulhas e/ou pinças. Por ser uma doença de elevado poder zoonótico da dermatofitose e de sua fácil propagação e por essa razão tem alcance mundial (PALUMBO, 2010). Os sinais clínicos podem aparecer em até três semanas a partir do contágio, sendo caracterizados por áreas alopecias circulares de vários tamanhos, podendo haver formação de crostas ou eritemas, se estendendo a qualquer parte do corpo, apresentando ou não prurido e lesões circunscritas (CECONI, 2018). Para diagnóstico da dermatofitose, o médico veterinário poderá realizar exame micológico, cultura fúngica e eventualmente o exame histopatológico de cultura para biópsia. Esses exames são comumente usados na rotina clínica. Apesar da doença ter uma grande variedade de exames complementares, é de suma importância a avaliação dos sinais clínicos para o fechamento do diagnóstico. A dermatofitose pode ser diagnosticada definitivamente com a utilização da “Lâmpada de Wood” que faz a identificação correta da doença pela fluorescência da pelagem dos animais, revelando os locais afetados para a retirada de fragmentos para o envio de amostras corretas para a análise (SILVA, 2016). O tratamento da dermatofitose consiste na tricotomia dos pelos do local acometido, terapia tópica por meio de pomadas e uso de shampoo a base de clorexidina, miconazol e cetoconazol. Portanto, o tratamento tópico isolado não é recomendável tendo em vista que a regressão das lesões cutâneas pode favorecer o aparecimento de infecções subclínicas crônicas. Desta forma, pode ser usado como terapia sistêmica medicamentos antifúngicos como: griseofuvina, cetoconazol, itraconazol ou terbinafina aliado a descontaminação do ambiente para impedir a proliferação de esporos (LOPES, 2016; CECONI, 2018). Atualmente é possível que a prevenção ocorra por meio da vacinação de cães (via intramuscular) e gatos (via subcutânea) a partir dos três meses de idade, sendo administrado três doses, com intervalo de 14 dias após a primeira dose, e 10 dias após a segunda, estando recomendado o reforço anual (MATTEI, 2009). Muitos animais permanecem assintomáticos, dificultando o isolamento do animal infectado que é a principal medida profilática da doença. A introdução de animais em locais com aglomeração, atrapalha a erradicação da doença, podendo novos animais serem infectados. A forma mais eficiente de minimizar a disseminação da dermatofitose no ambiente ocorre por meio da higienização rigorosa, aspirando e desinfetando superfícies não porosas e saídas de ar, descartando materiais que tiveram contato com animais contaminados. Novos animais também não deverão ser introduzidos durante o tratamento dos animais doentes, que deverão ser confinados em um espaço em comum para facilitar sua limpeza e limitar a disseminação fungica (ANDRADE, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da realização da revisão literária, ficou nítido o entendimento que a dermatofitose acomete animais de diferentes espécies, não se restringido a idade, sexo ou raça, podendo também o homem ser acometido. A doença não leva a morte do paciente, porém, as lesões cutâneas atrapalham o bem-estar do animal. Possui grande importância no controle uma vez que a doença é zoonótica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, V.; ROSSI, G. A. M. Dermatofitose em animais de companhia e sua importância para Saúde Pública- Revisão de Literatura, **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v.13, n.1, p.142-155, 2019.

BALDA, A. C.; OTSUKA, M.; LARSSON C. E. Ensaio clínico da griseofulvina e da terbinafina na terapia das dermatofitoses em cães e gatos, **Ciência Rural**, Santa Maria, v.37, n.3, p.750-754, 2007.

CARDOSO, M. J. L.; MACHADO, L. H. A.; MELUSSI, M.; ZAMARIAN T. P.; CARNIELLI, C. M.; FERREIRA JUNIOR, J. C. M. DERMATOPATIAS EM CÃES: REVISAO DE 257 CASOS, **Archives of Veterinary Science**, v.16, n.2, p.66-74, 2011.

CECONI, J. E.; SAUSEN, T. R., LIMA, V. Y.; AMES, G. S.; FIGUEIRA, P. T. Avaliação dos tratamentos farmacológicos para dermatofitoses em animais de companhia, **PUBVET**, v.12, n.4, p.1-10, 2018.

LOPES, C. A.; DANTAS, W. M. F. Dermatofitose em cães e gatos - revisão de literatura, **ANAIS VIII SIMPAC**, Viçosa, v.8, n.1, p.292-297, 2016.

MATTEI, A. S. **Diagnóstico de dermatofitoses em pequenos animais: um estudo retrospectivo na região do rio grande do sul**. Orientador: Prof. Dr. Laerte Ferreira, 2009, 30 f. (Especialização em Análises Clínicas Veterinárias) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PALUMBO, M. I. P.; MACHADO, L. H. de. A.; PAES, A. C.; MANGIA, S. H.; MOTTA, R. G. Estudo epidemiológico das dermatofitose em cães e gatos atendidos no serviço de dermatologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP – Botucatu. **Sêmina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 31, n. 2, p. 459-468, ab-jun, 2010.

PENEDA, S. Dermatofitose (Tinha). Disponível em: <https://www.chv.pt/pt/unidades/dermatologia/dermatofitose/detalhe.html>. Acesso em 20-06-2019.

SILVA, M. B. **Prevalência e fatores associados à dermatofitose equina**. Orientador: Maria Veronica de Souza, 2016, 44 f. (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.